

CONFIDENCIAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DISTRIBUIÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

CONFIDENCIAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

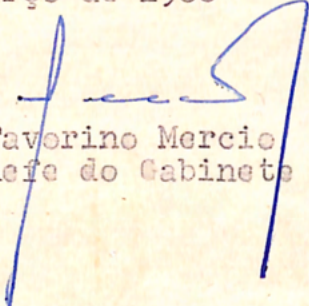
Memorando 38/68 - D.S.I. - MEC

CONFIDENCIAL

Senhor Ministro:

Encaminho a V.Exa. o expediente anexo da Divisão de Segurança e Informações deste Ministério.

Em, 19 de março de 1968



Favorino Mercio
Chefe do Gabinete

**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Divisão de Segurança e Informações

Memorando nº 38/68/DSI/MEC

Em 14.3.68.

Exmo. Sr. Ministro,

Em anexo, remeto a V.Exa. o que consta nesta DSI a respeito do sociólogo JOSÉ ARTUR RIOS.

Na oportunidade, apresento a V.Exa. os protestos de minha consideração e aprêço.

WALDEMAR RAUL TUROLA

DIRETOR DA DSI/MEC

CONFIDENCIAL

lt.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

APTD 03.5.1.2-4/4

Confidencial

CONFIDENCIAL

343

fichado
SE

JOSÉ ARTHUR RIOS ✓

- Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Membro da CAPES
- Sociólogo.

X DSI

—
f. a. m. b. u. r. a

CONFIDENCIAL

DIÁRIO DE NOTÍCIAS 12/7/59 NACIONALISMO E DESENVOLVIMENTO

José Arthur Rios 03.5.1.2-4/5

O coronel Nelson Werneck Sodrê, em entrevista a "O Metropolitano", acaba de tecer algumas considerações sobre o desenvolvimento brasileiro e a contribuição que lhe trouxe o movimento nacionalista. Apesar de integrar o magistério do ISEB, o coronel Sodrê é homem sério. Pela fotografia, vê-se que é vivo e sofrido, pelo estilo sabe-se que se esforça em pensar lucidamente os problemas brasileiros. Seu marxismo é um instrumento de interpretação da realidade social e econômica e não um pretexto para pirotecnias verbais.

Irretorquíveis são, por exemplo, suas observações sobre o falso desenvolvimento — o das grandes obras — e sobre as relações entre a questão agrária e o impulso industrial. "Sem que transformemos os milhões de brasileiros que vivem, ou vegetam, em regime de economia natural em consumidores, não poderemos desenvolver a indústria nacional. É assim o desenvolvimento industrial a força mais interessada na questão agrária". Isto leva a supor que o coronel Sodrê, embora não o declare, defende um esquema qualquer de reforma agrária que a interessaria conhecer.

Não o explicitou, entretanto, e enveredou por uma linha de pensamento que não parece quadrar com a perspectiva em que situou o problema brasileiro. Para este só vê uma solução: o nacionalismo. É este, no seu entender, "o divisor ideológico nítido no campo das competições políticas". Não é isso, no entanto, o que se vê na prática. Ao sociólogo que considerar o referido campo, transparece imediatamente um fato extraordinário: todos são nacionalistas, todos professam ódio de morte ao capital estrangeiro. Todos os candidatos à sucessão presidencial, já em número considerável, lançados e por lançar, mais o atual ocupante do cargo, todos se declaram nacionalistas. Portanto, o nacionalismo não pode servir de divisor ideológico, já que não divide

para sacramentar essa classe ávida. Esse adjetivo deve ser ainda o responsável por certos distúrbios na ótica social do entrevistado. Afirma que a burguesia vem sendo impulsionada pela classe média e pelo operariado. A primeira estaria desempenhando um grande papel político, o segundo vendo consolidada sua consciência de classe. Ora, trata-se de classes cujos interesses são antagônicos aos da burguesia que as tem implacavelmente sufocado. Através do Estado brasileiro, do seu sistema tributário e do controle do erário tem exatamente impedido que a classe média venha a assumir papel político. Pelo controle patronal e estatal dos sindicatos impede que o segundo tenha consciência de classe.

Compreende-se o fundo do pensamento do prof. Sodrê, que é dialético. Não se trata, propriamente, de interpretar a realidade, mas de compor uma interpretação que visa ideologia. É preciso, no esquema evolucionista do Marxismo, que se fortaleça a burguesia para que esta, sacada pelas próprias contradições, ceda lugar ao Reino do Proletariado. Mas entendam os leitores do "Metropolitano": nada existe de imediatamente revolucionário nesse pensamento porque não aspira a modificar as estruturas internas, oligárquicas do país, mas ao contrário reforçá-las. Nem é propriamente democrático porque se apóia inteiramente no Estado, premissa maior dessa dialética. A isso se reduz a chamada ideologia nacionalista e é quanto basta para verificarmos que representa uma falsa pista, uma pseudo-revolução e um torpe compromisso.

(Conclusão da página 4)

soberania nacional nas áreas de empréstimo.

— Há exemplos de industrialização em sentido vertical, igual à que se está fazendo no Brasil. O do Japão é um deles. E todos sabemos que essa industrialização antidemocrática levou a guerra imperialista.

— A revolução que desejamos não quer transformar párias em proletários. Não quer libertá-los do latifúndio para acorrentá-los à indústria protegida.

— O desenvolvimento econômico agrotécnicos e industriais no quadro da realção permitirá, a exemplo do que já existe em alguns rios do País, a formação de uma classe média que sirva de alicerce indispensável às instituições da democracia política.

O acesso à propriedade da terra representa não só a extinção do subdesenvolvimento e de todas as suas consequências (mortalidade infantil, subnutrição, analfabetismo) como também o lançamento, em bases definitivas, da democracia industrial.

— O país do monopólio é uma pátria precocemente envelhecida. O que caracteriza os países novos é a riqueza de oportunidades. Nada mais melancólico do que essa paisagem de bembascidos, de mandarins e de manda-chuvas que dão um tom provinciano provincial (de provincia italiana) à coisa brasileira e ficam seu nacionalismo, seu tom amargo e fin de siècle.

EDUCAÇÃO

— A educação é o terreno onde melhor se reflete essa mentalidade — disse o Sr. Rios. — Entre nós, ela não é encarada, nem pelas elites nem pelas massas, no seu sentido genuíno de libertação do espírito. Essa é a nota essencial, que a nova moda tecnicista e pragmatista pretende apagar. Em nosso sistema de educação, porém, não consegue nem dar o instrumental para a vida. Dá-se, penas, um passaporte para o privilégio, que é o diploma. Não realista fazer o que muitos fazem: denegrir a suposta educação acadêmica que visava ao mero cultivo do espírito e ao lazer. Pouco resta deste tipo de educação. Os que o combatem esgrimem contra uma sombra.

— Hoje em dia, prevalece o mediatismo oportunista que converte as nossas Faculdades em mercados de diplomas infláveis (com ampla circunstância) por professores de

tempo parcial a estudantes de hora e meia. A Universidade é considerada uma repartição burocrática que movimenta a sua máquina imponente na hora da colação do grau e se corporifica na boca do Reitor.

— E, no entanto, a Universidade quer dizer tempo integral, coordenação de estudo e pesquisa, atividade expansionista e extramuros. É um conjunto de equipamentos e recursos de Governo autônomo e soberano. E é, principalmente, um espírito. A Universidade livre é tão importante para a nossa Independência como a reforma agrária. Ambas estão muito ligadas, porque não é possível pensar em universidade, no sentido real da instituição, sem riqueza.

— A extensão do colégio e da escola primária a todas as camadas da população está intimamente ligada ao desenvolvimento econômico. Não basta distribuir escolas. O que vai dar à escola a sua verdadeira significação é a mudança de sentido da economia brasileira. Enquanto se tentar inserir numa economia onde muitos trabalham para poucos, a escola continuará acadêmica, remota à vida, servindo às frustrações profundas dos espoliados e alimentando neles a vontade deliberada de integrar as castas dirigentes. Não se pode esperar da escola mais do que pode dar: a libertação das massas proletariadas. Ela tem de se integrar num grande movimento de recuperação nacional para encontrar, ao lado de profundas mudanças sociais e econômicas, a sua missão civilizadora.

ISEB

Pedimos ao Sr. Rios que nos desse a sua opinião, franca, sobre o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, que tanta influência parece ter, hoje em dia, nos meios oficiais, e que está estruturado como um órgão educativo de grau superior.

— Eu acho que o ISEB reflete as deficiências do meio universitário brasileiro — disse-nos o Sr. Rios — Não é possível conceber este grêmio a não ser em países subdesenvolvidos, onde a Universidade é um arremedo e sua crítica não se exerce com a autoridade e a eficácia necessárias. Onde falta o arcabouço universitário surgem tipos de ersatz, mais ou menos felizes, cada grupo tentando fazer a sua própria universidade (o que é uma contradição nos termos).

— O ISEB, pelo seu hermetismo (hermetismo de vida quase monástica e de linguagem que, em alguns dos seus autores, é teuto-brasileira), representa uma tendência mandarinesca que, em outras épocas, já assumiu expressões sociais idênticas, como a maçonaria e a igreja positivista.

Não importa saber se o ISEB é da esquerda ou da direita. Acho a questão secundária, acadêmica. O essencial, no Grande Oriente da Rua das Laranjeiras, é a sua introversão, o ritual hierático de que cercam os mistérios da cultura. (Talvez fosse melhor dizer Kulturra...) Seu conceito de inteligência é um viver-para-dentro, uma ruminação autofática. É isso que explica o seu deslumbramento ante idéias que já viraram seixos, de tanto rolar, e seu desconhecimento do Brasil.

— Aos homens do ISEB falta o contato amplo com a massa que temem e com o povo, que detestam. Dessa frustração fizeram uma filosofia acomodaticia da tomada do poder pelo celtiche. Chamam a isso ação de cúpula, relações públicas. Recuaríamos espavoridos ante um verdadeiro movimento popular. Conseguem, no entanto, com dinheiro do Governo, fazer muita coisa muito provinciana a quem ensinam o nacionalismo pela cartilha hegeliana.

PROCESSO

Perguntamos ao Sr. Rios como se poderá fazer a revolução que ele preconiza.

— Através da ação pública. Pela educação do povo. Pela militância política. Instalou-se, hoje em dia, no Brasil, um carnaval partidário, sob o estímulo da oligarquia. O Presidencialismo é uma das modalidades de monopólio do poder pela oligarquia. O debate político se trava em torno de pessoas e é acolchoado pelas relações de cunho pelos laços familiares, pela trama dos interesses, num clima de compromissos e abraçinhos que desgastam as mais duras ideologias.

— O duelo entre a Oposição e o Governo, com raras exceções, é uma batalha de flores. As exceções, pela raridade, são apontadas à execração pública. Os partidos não têm consistência. Uma simples reforma do regime não lhe dará isso — embora essa mudança seja uma das mais urgentes medidas revolucionárias. Nada acontecerá se a base eleitoral continuar a mesma. A diferença será entre a demagogia descamisada e a que desce ao povo com pó-de-arroz e desodorante.

— A imposição de medidas decisivas (digamos revolucionárias) pela opinião pública sublevada, fariam muitos partidos desaparecerem. Outros sofreriam recomposições drásticas. Há pessoas que já se entendem, como bons vizinhos, por cima das legendas. É o caso dos Senhores Luis Carlos Prestes, Ademar de Barros e João Goulart. São irmãs. O mais grave, porém, é que o povo está sendo abandonado pelos partidos. O Partido Comunista se aliou, inteiramente, à guerra. Ao invadiram a

...ti-
bur-
Hum-
...
... que o... tempo
... Soviéticos as nacionalistas
... era uma justificação. A
Rússia é República só no nome.
Na realidade, é um Império em
expansão. Mas, ao escamotear
a luta de classes, allando-se às
burguezias, em nome do nacionalismo
demagógico, os comunistas
abandonaram a fâmula
da Revolução Russa — a sua
Inegável marca de grandeza hu-
mana. Após a traição comunista
e a deserção trabalhista (esta
menos trágica porque esperada),
o povo brasileiro está entregue
a si mesmo. Poderá caminhar
para o ditador providencial que,
com uma constelação de assés-
sôres, satisfaça emocionalmente
(um novo Vargas, talvez) os
seus ansélos nacionalistas e, pa-
ternalmente, a sua necessidade
de segurança. A alternativa es-
ta, neste momento, nas mãos
dos líderes democráticos.

NACIONALISMO

— E o nacionalismo, Senhor Rios?

— É uma emoção e, como tal...

03.5.12-417

... afirma que colocado em ter-
ços, estritamente econômico,
... marxista, não vemos como
o nacionalismo possa levar, por
si só, ao desenvolvimento, co-
mo quer, até em manchete, o
... sociólogo. Tal afirma-
... carece de qualquer funda-
... histórico ou sociológico.
O correto seria dizer que o na-
... leva a certo tipo de
desenvolvimento e aí é que ver-
dadeiramente começa o debate
porque é lícito indagar se esse
... é o que mais convém ao
povo brasileiro.

Porque ao prof. Sodré esse
desenvolvimento, o nacionalis-
ta, se afigura como o ideal his-
tórico para onde devemos cam-
minhar e éle o identifica no
processo de aliança entre o Es-
tado Brasileiro e a Burguesia
Nacional para melhor explora-
ção de nossas riquezas. Ao re-
ferir-se a essa nacionalíssima
burguesia, a pena áspera do so-
ciólogo molha-se de ternura;
pois essa abandonada das gôfi-
tes, "não tem condições de lu-
tar sozinha pela política que
lhe convém e tende mesmo a
transigir pela fraqueza em que
ainda se encontra".

Ela uma ingênua afirmativa
que revela como o estudioso po-
da ser colhido nas próprias abs-
trações. A -burguesia tem se
alimentado tradicionalmente do
melhor tutano do povo brasilei-
ro e tem revelado, no correr de
sua história, uma excepciona-
lidade, tenacidade e coerência
ideológica na conquista do Po-
der, isto é, na controle direto
ou indireto do Estado Brasilei-
ro. É ela que vem colonizando
e espoliando, com admirável
constância, a grande massa dos
trabalhadores, pequenos produ-
tores, artífices e consumidores,
tão nacionais quanto ela. Esse
concórcio sinistro entre Estado
e burguesia tem bloqueado sis-
tematicamente todas as tenta-
tivas de reforma de estrutura
da sociedade brasileira, impe-
dindo a ascensão das massas e
portanto, o próprio processo de
civilização do nosso povo.

Para o prof. Sodré, no en-

— E o nacionalismo, Senhor Rios?

— É uma emoção e, como tal, é indispensável à mutação revolucionária. Mas é insuficiente, como ideologia. O nacionalismo é explorado por demagogos de todos os quadrantes porque supre a sua habitual falta de ideias e porque os dispensa de denunciar os verdadeiros fatores da crise brasileira. Os assessores da Federação das Indústrias são nacionalistas porque essa cortina verde-amarela lhes dá uma quota certa nos lucros que a indústria protegida acumula às custas do operário, do consumidor e do contribuinte. Os comunistas, à sombra do nacionalismo, abandonam as massas operárias à sua sorte e aliam-se à burguezia na luta pelo poder. Os trabalhistas e populistas vêem no nacionalismo a possibilidade de fugir à liberdade sindical (que devia ser o seu objetivo máximo) e à reforma agrária, que não querem fazer.

— A todo nacionalista é preciso perguntar o que se fará depois. A estrutura de classes do país é a maior responsável pelo entrecruço. A revolução brasileira é nacionalista, por adjetivação necessária. Mas se o nacionalismo não quiser se transformar num narcisismo suicida, é preciso voltar-se para a desobstrução sistemática dos pontos de engarrafamento da economia nacional, deve declarar-se contra as forças que lutam contra o crescimento do país. Os problemas nacionais têm de ser pensados no contexto do homem e não de uma mitológica realidade brasileira, que ninguém conhece nem sabe o que seja, a não ser os técnicos do ISEB, que não contam o segredo a ninguém.

— A inteligência brasileira, nos seus mais altos expoentes, sempre teve uma vocação de humanidade e lucidez — afirmou o Sr. Rios — O caldeamento das raças, a posição atlântica e, mais do que tudo, as raízes cristãs, européias, lusas de nossa cultura nos asseguram uma tradição humanística e uma missão universal que não podemos renunciar em troca de nacionalismos provinciais.

— Não importa que os "países" que constituem o Brasil ainda não se tenham articulado organicamente. O fortalecimento econômico e a incorporação do caboclo (do povo rural) à área da civilização, vão trazer à luz as nossas peculiaridades nacionais, sem que para isso se torne necessário isolamento insensato e egoísta.

— O Brasil desponta para um mundo de grandes conjuntos, onde os mercados nacionais tendem a fundir-se em mercados internacionais, buscando complementar-se em bases mais amplas. A estreiteza do Governo Republicano, nos Estados Unidos, e de sua política internacional, é tão acidental quanto o imperialismo soviético. A realidade é o mercado europeu de hoje e o mercado latino-americano de amanhã. O nacionalismo é uma péssima doutrina para esse mundo, carregado de significações novas, que se abre diante de nós.

— E, não nos esqueçamos nunca: o Brasil tem um grande papel a desempenhar nesse mundo que, agora, começamos a entrever — concluiu o Sr. José Artur Rios.

035.1.2-419

APTD-03.5.1.2-4740

Verdadeira Revolução Brasileira Parou na Abolição e na República, Declara o Sociólogo Arthur Rios

JORNAL UNIVERSITÁRIO - RIO. 9-Set. 1962

ex-diretor dos Serviços Sociais do Estado da Guanabara, e que acabou de voltar do México, onde participou de uma conferência de sociólogos de vários países da Europa e da América.

Acentuou o prof. Arthur Rios que a Democracia, para se tornar efetiva, em certas condições formais de regulação política e também um mínimo de fatores sociais e econômicos. Não será um plebiscito que decidirá a sua sorte. Mas uma vontade clara de aperturar as instituições democráticas e o desejo real de destruir a velha ordem que se eterniza e impede o crescimento do país.

FALSA EUFORIA

Com a explicação de que não se pode compreender bem a situação política brasileira sem que se tenha uma visão panorâmica da conjuntura política do país, afirmou o Sr. Arthur Rios:

— "O governo do Sr. JK melhorou o país numa falsa eufórica. Seus empreendimentos espetaculares inauguraram no Brasil a era dos grandes negócios. Enquanto atuava a miséria real das populações do interior e crescia as favelas, alimentava-se, à custa do Erário, indústrias de luxo, ao mesmo tempo que prosseguia a desmigração da classe média e a proletarianização dos trabalhadores. Brasília foi o espetáculo de bolso com que JK ofuscou o senso crítico da população enriquecida pelo trabalho. O nacionalismo, épico do povo, serviu a JK para acobertar o assalto maciço ao Tesouro e para subornar a opinião e o Congresso numa campanha de propaganda sem precedentes. Se a inflação dá a medida da moralidade de um governo, o do Sr. JK foi o mais imoral que tivemos."

O MITO JÂNIO

— "Nessa conjuntura — prosseguiu — o Sr. Jânio Quadros representou o mito necessário. Encarnou impopularmente ideais de honestidade, independência política e estabilidade econômica. Valores estranhos à classe pu-

cia, enquanto fazia a mimica do socialismo e concorrevam a agitações internacionais. Nenhuma sinceridade nisso. Seu governo não encaminhou a solução de nenhum problema. Tentou, em vão, a conciliação dos contrários. Como sua plataforma de candidato, verificou-se cocha de relâmpago. O ministério que organizou visava agradar a todos, nacionalistas e entreguistas. Seu puritanismo e seu pendor autoritário não o salvaram. O mito desfez-se por não ter consistência interna. Foi um governo Cegestós, num grande vazio de ideias."

WALL STREET E KREMLIN

Em comunicação, afirmou o Sr. Arthur Rios, diretor técnico da SPLAN (Sociedade de Pesquisas e Planejamento): "Acontece que o Império brasileiro não pode mais ser resolvido por meio maoísta político, rapazes à Wall Street e barretadas ao Kremlin. O problema é interno; reside em estrangulamentos da estrutura socio-econômica do próprio país. Exige uma doutrina nítida que concilie essas necessidades com a posição do Brasil no continente. A superação da crise da renúncia provou claramente que nada valia o preço da guerra civil. O povo continuou acreditando que o Sr. Jânio Quadros não conseguiria governar, que "os interesses imperialistas" não o tinham deixado governar. O Parlamentarismo surgiu como fórmula mágica, como solução conciliatória. O importante é sempre a conciliação, a cuja sombra continua a desenvolver-se a exploração das massas e a prosperidade da Nova Classe. Não era possível imaginar, nessas condições, que o Parlamentarismo fosse para valer. Não podia criar o que não existia. Com um pouco mais de convicção e decência teria podido funcionar. Entretanto, com todos os seus defeitos, pôs à prova a liderança política, desmascarou a fragilidade dos Parlamentares e a mediocridade dos homens. Constatado, terá contribuído para o balanço das tendências personalistas e ditatoriais do Préstido. O mesmo, diminuído as

chances da quartelada e da intervenção militar. Mas acontece que ninguém acredita nele, nem o presidente, nem o Congresso, nem o primeiro-ministro. Não se pode, portanto, julgar o que não foi posto em prática. O presidente continua a elaborar o orçamento, a comandar, soberano, a máquina das emissões, a intervir em tudo. Todos, a começar pelo primeiro-ministro, têm medo de ser parlamentaristas. A ponto de admitir a própria ilegitimidade do regime."

Disse em seguida o Sr. Arthur PANORAMA REAL

Rios que "por trás da Emenda Constitucional, a mesma estrutura permanece. A democracia formal tem de ser acompanhada de reformas estruturais. Nenhum esforço sério é feito para criar condições de democracia real. A verdadeira revolução brasileira parou na Abolição e na República. Não prosseguiu. O governo da Reforma ainda não apareceu. E sejam os bem olhados: reforma é uma distribuição mais justa da riqueza a começar pela riqueza por excelência que é a terra. É uma nova organização da empresa permitindo a participação na gerência e nos lucros. Há um esforço conveniente de ascensão, de melhoria pessoal, no povo brasileiro, que busca avidamente as vantagens da educação e da técnica. Esse esforço não parece sensibilizar os governantes. Ninguém está realmente interessado nas reformas essenciais. O governo de latifundiários não pode desejar sinceramente a reforma agrária. O governo de banqueiros não pode querer a reforma bancária. O governo de pelegos não pode aspirar à liberdade sindical. O governo de testas-de-ferro não pode pretender uma política de emancipação nacional. O governo de conformistas e adaptados não pode reivindicar reforma nenhuma que venha entornar o caldo morno das conversas de cúpula, dos compromissos interpartidários, das alianças espúrias que vêm ceselizando a República."

COMÉDIA ELEITORAL

"Agora — frisou — o pano

se abre para a comédia eleitoral em que todas as instituições são salidas. Os condecorados saem de vermelho para a rua. Os comunistas vestem pele de cordeiro e todos são, por igual, nacionalistas, o que custa nada e dá prestígio junto à estandarte da UNE. A um mês das eleições, todas as metamorfoses são possíveis. O Sr. Lacerda é socialista, o Sr. Brizola vira conservador, o Sr. Azevedo em amor à ordem e às instituições, o Sr. Clófas será pela reforma agrária. Está amadurecendo um filme mostra a inconsistência das posições políticas, em que os candidatos não têm ideias e os partidos não têm programas. Diante disso, não é de admirar a indiferença, a passividade e a corrupção do eleitorado."

Salientou que "no Nordeste o voto se vende por um prato de farinha. Por toda parte, em troca de favores. Assim se arguem as máquinas que tendem a se tornar os únicos canais da opinião, recolhendo votos e distribuindo cargos, empregos, casas, contratos, telefones... A maioria dos eleitores, nessa grande alusão, não tem em quem votar ou por que votar, porque lhes falta simplesmente uma liderança que dê sentido a seu voto, que lhes explique onde estão os verdadeiros problemas e que lhes apresente lealmente uma formulação honesta das soluções viáveis. A classe média, o cerne do eleitorado consciente, toma-se céptico ante o perigo comunista, mas não percebe que o verdadeiro perigo é o potencial de miséria, atraso e ressentimento que se vem acumulando do nas camadas humildes de nosso povo."

A BABA DO RECÍME

— "A maior lacuna do panorama político brasileiro é a falta de uma Esquerda Democrática, que lute pelas reformas de base num clima de liberdade. As Esquerdas no Brasil são totalitárias; vivem hipnotizadas pelas barbas de Fidel Castro ou são bobamente nacionalistas. Os partidos bem pensantes defendem uma democracia formal que não perturbe os negócios de seus líderes, nem afete a tranquilidade familiar do "status quo". Enquanto todos defendem a República, o pequeno proprietário, o consumidor, o contribuinte, o dono da pequena empresa, o homem da rua enfim, não tem quem os defenda contra a burocracia do Estado e contra os tristes nacionais."

"Acima do personalismo e da demagogia, acima do neopopulismo e do populismo, acima de Sr. Lacerda e do Sr. Brizola, deve haver uma mediação autêntica que enquadre os problemas brasileiros nessa perspectiva universal de reforma e liberdade que, em toda parte, é a grande reivindicação de nosso tempo. Desjk a JG, o desenvolvimento e a demagogia, esgotaram suas possibilidades. A inconsistência e o oportunismo tinham de resultar numa radicalização de posições e, por isso, estamos, como em 35, entre fascismo e comunismo, e essa notória repetição, como os famosos retornos da história política brasileira, de Getúlio, de Ademar, de Jânio atestam, mais que qualquer outro sintoma, o impasse político e a esterilidade das nossas elites dirigentes. Esse impasse que assegura as Forças Armadas, quer queiram quer não, um poder de fato. Continuam o único núcleo organizado que é, periodicamente, investido da tarefa política do Poder Moderador. Mas até quando?"

343

— Não foi candidato a cargo ativo — disse o sociólogo José Azevedo Rios — NAL UNIVERSITÁRIO concordou com algumas das ideias que extraiu numa entrevista para alguns jornais e que foram fragmentadas e, portanto, desfiguradas, muito antes de estas declarações para o conhecimento dos universitários brasileiros

"A desobediência — uma luta pessoal — é o caminho para o equilíbrio e o abate do poder; também para o restabelecimento da ordem pública, obrigatória e necessária. — que é impossível o professor de História da Universidade de São Paulo, Arthur Rios.

20 DEZ. 1964

APTO 03.5.1 2-4/11

REVOLUÇÃO DE ABRIL

José Artur Rios

Houve preparação, pelo menos desde 1930. Os acontecimentos de março só podem ser compreendidos na perspectiva da crise permanente da República, no desequilíbrio entre suas instituições político-jurídicas e a rigidez das estruturas sociais. De 1930 para cá a história da democracia no Brasil é um processo agônico pontuado de crises e retornos. O presidencialismo republicano foi e continua sendo um vestibular à ditadura em que todos os grupos político-partidários vêm se inscrevendo aplicadamente. Seus repetidos impasses propiciam a intervenção militar, o golpe, a quartelada, sob os mais variados rótulos. A essa precariedade institucional somaram-se profundos desequilíbrios estruturais. Desde 1937 consumou-se no Brasil, sob as bênçãos do Estado-Novo, o consórcio da burguesia industrial e comercial, de latifundiárias, com um operariado urbano recém-politizado nos cur-



de, o suborno, a porjeta, habituais, sob as formas mais variadas, em tôdas as classes e camadas, resultam do paternalismo tradicional, do empreguismo, da inflação planejada, das extremas desigualdades sociais e tudo isso, por sua vez, se prende ao crescimento acelerado da população sem a necessária ampliação do mercado de trabalho e aumento da renda. Quanto à subversão a que se referem essas declarações contradito-

bitro, e zelador, cioso. Como corporação marchou na forma tradicional, pelo consenso unânime do Alto Comando, após demoradas conversações. O contrêle absoluto da situação pelo Exército expõe ao mesmo tempo o lôgro das esquerdas e a inexistência de um plano subversivo de âmbito nacional. Do contrário, não se explicaria o caráter quase automático do movimento que estartecer, na rapidez, a opinião pública...

dem, numa advertência do que seria um terrorismo cru, de esquerda ou de direita. Não entanto, não se dava conhecimento ao povo, como se este simplesmente não existisse, dos motivos da cassação dos direitos políticos de um ex-presidente, corrupto e corruptor notório, que se permite, por rriso, do seu exílio principesco, continuar a influir nos acontecimentos. E' que o governo bifronte já era obrigado a fazer concessões, já trocava o tom de desafio radical pelo "sotto voce" do cafêzinho e da conversa ao pé do ouvido, mantendo-se em Brasília, reverenciava o mito Kubitschek e continuava onerando duplamente o país com uma capital de luxo. O aumento do funcionalismo militar, na primeira hora, calou mal na opinião. O movimento, sem idéias ou programas, sacrificava ao imediatismo a autoridade moral que lhe

adaptado ao ritmo do crescimento demográfico, mas visa principalmente a atender necessidades de luxo ostentação de uma nobria privilegiada. 5 Que deveria ser feito? Em grandes lhas, o incentivo à produtividade e o combate ao desemprego ocioso, ao grande desperdício de energia humana, o capital por excelência. Para isso, a mudança das estruturas tradicionais de produção, o estímulo e multiplicação das pequenas e médias empresas, a qualificação da mão-de-obra por processos modernos de difusão de técnicos e aptidões na massa operária, uma prioridade de financiamentos que obedeça a necessidades e não a privilégios, o incentivo à imigração qualificada — são tarefas que exigem intervenções decididas do Estado. Essa mobilização das massas urbanas e rurais marginalizadas, em programas de pleno

APTD - 03, 5, 1, 2-4/12

CONFRONTO: A

"A NOITE"

19 JUL. 1961

Exploradores e PC de Mãos Dadas

DESDE seus tempos de vereador, o sr. Carlos Lacerda se tem dedicado ao estudo das favelas cariocas. Foi, aliás, o político guanabarrino que melhor se aprofundou no problema e, eleito governador, pretendeu, e ainda pretende, criar uma secretaria para tratar do assunto, tendo a dirigido-a o sr. Artur Rios, igualmente uma autoridade no problema. Demonstrando seu interesse pela sorte dos favelados, conseguiu, na recente reunião dos governadores com o sr. Jânio Quadros, a liberação de uma verba de 450 milhões de cruzeiros para dar início à luta contra a Favela, ao mesmo tempo que reivindica a cessão ao Estado, pela União, das glebas devolutas de propriedade desta — daí surgindo um plano simples, porém de profunda importância para o solucionamento da questão: nos terrenos a serem doados pela União seriam construídas — com a verba federal já liberada — as moradias para os habitantes do morro, ao mesmo tempo que suas antigas habitações seriam destruídas.

Ao mesmo tempo que essas notícias dos planos do governador Lacerda eram divulgadas, os "industriais da miséria" — aqueles mesmos que constroem barracos para alugar aos menos favorecidos — se apressaram em construir, "em ritmo de Brasília", nas encostas das montanhas cariocas, casebres os mais toscos e os mais miseráveis, no intuito de conseguirem trocá-los pelas futuras residências a serem edificadas pelo Estado. "Pari passu", o Partido Comunista, que tem vivido de há muito em função do favelado, ao qual dá apenas o ódio de sua doutrina, prega e aconselha, no Pasmado, na Calacumba, no Sacopã, e em tantas outras, a ereção de mais mucambos, acenando com promessas de futura permuta com as "casas do governo".

Necessário se tornam para que a ambição do sr. Carlos Lacerda se torne uma realidade — resolver o problema dos morros, que medidas urgentes e severas sejam tomadas, a fim de evitar que os aproveitadores e os industriais da miséria consigam seus objetivos, perturbando a luta contra a indigência. E entre essas medidas a mais oportuna seria impedir, desde já, o alastramento das atuais favelas.

REDAÇÃO

ORIGINAÇÃO

REDAÇÃO

20 SET. 1962

APTD-03.5.1.2-4/14

A INACREDITÁVEL DESCOBERTA DE UM "SOCIÓLOGO":

Para Arthur Rios miséria do Nordeste é culpa do Exército

A nota, cujo "fac-símile" estampamos, é extraída da "Tribuna da Imprensa", de 17 do corrente. O "sociólogo" a que ela se refere é um bobo alegre, com tumaças de tal, de longa data, a serviço de Carlos Lacerda, que lhe deu cargos e lhe confiou tarefas importantes em sua administração. Segundo esse "sociólogo" das Arábias, o responsável pelo atraso e pela miséria do Nordeste, não é o latifúndio, nem são os trustes imperialistas (Anderson Clayton, Sanbra, Wa Chang etc.), é o Exército! Ainda, segundo ele, "a barreira ao desenvolvimento de uma democracia consciente", entre nós, não são os "go-

rilas", não são os fascistas tipo Lacerda, não é o IBAD, não é a venalidade da "Imprensa sadia" e sua sujeição aos trustes estrangeiros, não é a corrupção dos partidos, como a UDN de Levy Lacerda e Juracl, ou a Ação "Democrática" do dr João Mendes: é o Exército!

O Exército — acrescenta — ao construir estradas, combater o contrabando e promover a colonização do interior do país, "está des-servindo a nação (textual), pois tira a oportunidade a que dezenas de brasileiros nordestinos sejam mobilizados para esses trabalhos"...

"A solução, portanto — continua —, é reduzir o poder

• SOCIÓLOGO AFIRMA

Militarismo aumenta miséria no Nordeste

O militarismo no Brasil tem provocado o aumento da miséria no Nordeste — conclui a tese do sociólogo Arthur Rios, aprovada pela Conferência sobre Tensões, realizada em Salvador, Bahia, cujos anais acabam de ser publicados, coincidindo com o envio das teses ao governo norte-americano.

A tese afirma ainda que as forças armadas têm sido e continuam sendo uma barreira para o desenvolvimento de uma democracia consciente e que os Estados Unidos e os países latino-americanos devem se dar conta de que é contrá-

rio ao bem-estar de cada nação continuarem apoiando o desenvolvimento do poderio militar.

O professor Arthur Rios, que foi relator do Seminário B da conferência, demonstrou, com a aprovação posterior de todos os participantes do certame, que o Exército brasileiro, por exemplo, a fim de justificar as verbas anualmente consignadas para ele no orçamento geral da República, anuncia que tem construído estradas, combatido o contrabando e feito colonização no interior do país, sobretudo no Nordeste.

"Fac-símile" do artigo publicado na "Tribuna da Imprensa"

rio militar, seja do Exército, da Aeronáutica ou da Marinha", para cobrir com essa economia os defeitos orçamentários.

A Conferência de Tensões, realizada em Salvador e que aprovou a tese do nosso "sociólogo", foi uma "promoção" imperialista americana, a qual O SEMANÁRIO já teve oportunidade de se referir. Presidiu-a o embaixador Gordon e a sua grande vedete foi... Roberto Campos!

Note-se o apelo que o nosso semicolonial "sociólogo" faz, subservientemente, aos Estados Unidos, para que o ajudem e a Lacerda a dissolver o Exército brasileiro.

Abstemo-nos, no momento, de maiores comentários, esperando que nossos chefes militares se pronunciem sobre fato de tamanha gravidade, qual seja essa publicação, que, além de insultuosa às Forças Armadas, visa a intrigá-las com o povo.

BRASIL"

59

E ASCENSÃO RESOLVERÁ SOCIÓLOGO

✓ REPOSIÇÃO

O Sr. Rios, Professor e Sociólogo que colaborou com T. Lynn Smith quando o famoso autor de *Brazil, People and Institutions* fez pesquisas em nosso País, e com o dominicano Joseph Lebet, dirigente do movimento "Economia e Humanismo", é considerado, nos meios intelectuais, um dos homens que mais conhecem os problemas sociológicos do Brasil, especialmente a questão da educação e do problema da educação de base.

DEFINIÇÃO

Definindo o que, no seu entender, é a revolução, disse o Sr. Rios:

— A revolução brasileira não acarreta, necessariamente, uma guerra civil. Mas aqui é preciso fazer um reparo: a força explosiva dos movimentos revolucionários cresce com a sua contenção. A revolução já está se fazendo, na medida em que o País cresce, a população aumenta, intensificam-se os contatos e relações inteiras estão tomando conhecimento do mundo circundante, estão acordando para a civilização. São pressões internas e externas que incitam o País a tomar consciência de si mesmo.

— Há muita revolução falsa (como sempre acontece). Muito despistamento. Para que não haja dúvidas, é necessário que conceituemos a revolução. Ela é uma verdadeira metamorfose histórica que ocorre quando um povo toma consciência — primeiro por suas elites e, depois, por suas massas — da sua vocação própria no movimento universal da civilização. Esse momento em que a lagarta vira borboleta é a revolução. Essa crise tem de ser, forçosamente, subversiva, no sentido de romper com o statu quo, de alterar profundamente a estruturação dos grupos de riqueza e de poder que, até aquele momento, comandaram o crescimento do País. Não há revolução que não altere o Código Civil e a Constituição Federal.

✓ SINTETIZADO

PROLETARIADO

— É preciso — afirma o Sr. Rios — abrir caminho à ascensão do proletário urbano e do pária rural. A burguesia nacional, que inspirou a regulamentação das relações de propriedade no Código Civil e que transformou a Constituição de 1946 num inútil compromisso, continua agindo como força paralisante do desenvolvimento nacional. Já houve quem falasse em dois Brasis — o do litoral e o do sertão. A antítese, porém, é mais que geográfica. Não se deixa ingir por um critério de classes nas mentalidades. Melhor seria falar em barbárie e civilização, nos termos de Sarmiento, que viu o problema numa perspectiva americana.

— No Brasil de hoje é preciso ainda, despir a controposição de

crises políticas sucessivas. No período de 1955 a 1960, a euforia desenvolvimentista e a aceleração inflacionária, o mito de Brasília e a industrialização fortaleceram uma classe de empresários que viviam da corrupção e pela corrupção. O governo Jânio Quadros apagou as esperanças dos que ainda acreditavam na possibilidade de uma recuperação da autoridade civil. Com o sr. João Goulart mergulhou esta num tremedal de desmoralização e desprestígio.

Os líderes do movimento vitorioso, em seus depoimentos, hesitam contraditoriamente em apontar ora a subversão, ora a corrupção como os motivos da derrubada do governo Goulart. Em qualquer das hipóteses, o diagnóstico é correto, mas superficial. Cabe perguntar quais seriam as causas da corrupção e da subversão, ambas correntes no Brasil desde que nos entendemos como povo. A falta de uma análise lúcida da situação, dispensável num simples movimento de tropas, mas imprescindível para uma Revolução, não ficou entendido que a corrupção, inerente à natureza humana, em tôdas as épocas e climas, é agravada, no caso brasileiro, por certa estrutura social vigente, pelo menos, desde os tempos da Colônia. Não se percebeu que a venalidade

trina para o movimento de março; a não ser o próprio cinza do país. Essa preparação era prescindível. Para uma mobilização de tropas bastam entendimentos entre os comandos. A classe média saudou a queda do governo Goulart como medida de salvação nacional. A burguesia procurou imediatamente identificar-se aos propósitos dos chefes militares. Os políticos, com raras exceções, deram às provas habituais de oportunismo e subserviência. O povo, este, se manteve, como sempre, espectador indiferente. Isso é tão compreensível, como a intervenção militar, num país onde as divisões políticas só cindem o povo quando encarnadas em personalidades antagônicas, onde Oposição e Governo só se distinguem em termos de poder imediato, onde o próprio "trabalhismo" era doutrina oficial alimentada pelo Ministério do Trabalho e os "socialistas" são prósperos latifundiários, advogados ligados à indústria e ao comércio ou donos de imóveis. Nessa paisagem só o Exército poderia ser o encenador e protagonista de uma derrubada de governo. Agiu, sobretudo, como corporação, em resposta a uma provocação direta. Secundariamente, por motivos ideológicos remotos, dentro da ideologia da manutenção da ordem, da qual vem sendo o ár-

dade, o presidente e vice eleitos, Congresso em funcionamento, imprensa livre. Prisioneiros ainda de sua ideologia de classe média, os revolucionários correram a abraçar a ordem legal, esforçaram-se em manter as aparências democráticas, chegaram a endossar o reformismo do governo anterior, não pelas reformas, mas pelo que representavam de continuidade. Não precisavam agradar a ninguém e logo se puseram a agradar a todos. Um presidente eleito pelo povo sofre as injunções dos Partidos e dos grupos de pressão que o elegeram; mas um presidente militar designado por um movimento revolucionário e eleito pelo Congresso sofre a dupla pressão dos companheiros de farda e dos Partidos que o aceitaram. Torna-se protagonista e prisioneiro de um esquema que dificilmente pode contrariar. O Governo amplifica essa ambigüidade. Oscila entre uma legalidade de fachada e um delírio persecutório que implantou no país, pela primeira vez desde os dias sombrios de 35, o terrorismo das inquisições e delações, a subversão, esta trágica e verdadeiramente verdadeira, dos valores humanos, e o Poder de Polícia. Sob pretexto de combater a corrupção e a subversão praticaram-se, de Norte a Sul, injustiças e infâmias de toda or-

capacidade de liberdade sua inventividade, as das. 03.5.12-4/16

6 E' claro que...

realizar eleições em 1966. Mas é importante que uma reforma político-eleitoral as torne verdadeiramente representativas da vontade popular. Vivemos num clima de anormalidade gramatical em que os verbos não têm tempo determinado, as orações ficam sem sujeito claro. A boa linguagem, quando não fôsse o bem comum, pede a volta à normalidade política. Isto quer dizer que os militares devem voltar aos quartéis, que os políticos façam política, que os administradores administrem. Estranha a falta, no receituário político, do Parlamentarismo cuja experiência tivemos no governo João Goulart, de forma deturpada e que, ainda assim, provou seus efeitos estabilizadores. Mais importante que a realização das eleições é a introdução do Parlamentarismo como mecanismo de defesa contra a instabilidade política, os golpes e contra-golpes que ameaçam o regime. Porque a conveniência das eleições não implica sua realização. E sua realização não implica uma reconstrução democrática, sobretudo na hipótese, pouco alvissareira, de uma sucessão de presidentes militares.

hermetismo técnico, uma fria insensibilidade aos problemas sociais brasileiros. O Congresso vota-as a toque de caixa para dar-lhes verniz democrático.

O diagnóstico superficial do problema brasileiro, em termos de "moralização" conduziu a uma política financeira discutível. O país fora conduzido pelos governos anteriores à beira da insolvência e ao regime do "papagaio" internacional. Mas o combate à inflação não pode limitar-se a medidas simplesmente contábeis, de combate ao déficit, sem prever seus efeitos sobre a produtividade. E' essa uma política de honrados contadores, mas não leva em conta as peculiaridades de um país cuja vocação é crescer. Aumentaram as tensões nos pontos críticos, isto é, no custo de vida, sobretudo no setor de abastecimento, atingindo duramente as classes médias, inspiradoras e aliadas naturais do movimento de março. E aumentando a área de desemprego, essa política incrementou a miséria e a fome, hoje endêmica, não só na Zona Rural, mas em camadas da população urbana. O problema do abastecimento, apesar de conjuntural, é importante num país cujo mecanismo de produção e exportação não está

capacidade de liberdade sua inventividade, as das. 03.5.12-4/16

6 E' claro que...

realizar eleições em 1966. Mas é importante que uma reforma político-eleitoral as torne verdadeiramente representativas da vontade popular. Vivemos num clima de anormalidade gramatical em que os verbos não têm tempo determinado, as orações ficam sem sujeito claro. A boa linguagem, quando não fôsse o bem comum, pede a volta à normalidade política. Isto quer dizer que os militares devem voltar aos quartéis, que os políticos façam política, que os administradores administrem. Estranha a falta, no receituário político, do Parlamentarismo cuja experiência tivemos no governo João Goulart, de forma deturpada e que, ainda assim, provou seus efeitos estabilizadores. Mais importante que a realização das eleições é a introdução do Parlamentarismo como mecanismo de defesa contra a instabilidade política, os golpes e contra-golpes que ameaçam o regime. Porque a conveniência das eleições não implica sua realização. E sua realização não implica uma reconstrução democrática, sobretudo na hipótese, pouco alvissareira, de uma sucessão de presidentes militares.

Intervenção
política a qual
sua em mais va-
rios títulos. A essa
idade institucio-
naram-se profun-
dos equilíbrios es-
trangeiros. Desde 1937
desenvolveu-se no Brasil,
sob os bênçãos do Es-
tado Novo, o consórcio
da burguesia industrial
comercial, de tradi-
ções e aderências lati-
fundárias, com um
operariado urbano re-
cem-politizado nos cur-
sos do trabalhismo oficial.
Essa união demagógica
se fez em detrimento
da classe média e dos
trabalhadores rurais e
seu cimento foi a inflação
planejada. O problema
dos governantes, depois
de 1945, quando não era
mais possível uma ditadura
rasgadamente totalitária,
consistia em apoiar-se
firmemente nas classes
conservadoras, associando-
as ao poder, e conciliar o
voto das massas operárias
pelo aumento sucessivo
de salários e pela expansão
incessante das áreas de
emprego. Nessa ginástica
difícil decorreram os
últimos decênios. Para
alimentar a máquina,
cada vez mais cara, usavam-
se os combustíveis mais
variados, desde o nacionalismo
até o desenvolvimentismo.
Numa população estacionária
ou de crescimento lento,
o sistema funcionaria indefinidamente.
Num país em crescimento
essa camisa de força começou
a estalar, rebentando em

formas mais variadas,
em todas as classes e
camadas, resultam do
paternalismo tradicional,
do corporativismo,
da inflação planejada,
das extremas desigualdades
sociais e tudo isso, por
sua vez, se prende ao
crescimento acelerado da
população sem a necessária
ampliação do mercado
de trabalho e aumento da
renda.
Quanto à subversão a
que se referem essas
declarações contraditórias
e nebulosas, havia-a
certamente e oficializada,
mas não do tipo e da
extensão que se pretende.
Subversivo era o clima
criado diariamente pela
inépica política do governo,
a inflação galopante,
a dopagem demagógica
das massas. Tudo isso
representava excelente
caldo de cultura para
o comunismo, mas a
análise das esquerdas,
o balanço geral de suas
forças, mostra que
estavam longe de
constituir um bloco
sincronizado para a
revolução. Não havia
plano concertado, nem
harmonia de vistas entre
fidelistas, comunistas
kruchovianos, comunistas
chineses, nacionalistas
e totalitários de vários
matizes, que gravitavam
mais ou menos servilmente
em torno do sr. Brizola e
cujo único denominador
comum era a baderna.
3 Não houve, portanto,
preparação doutrinária
para o movimento de
março, a não

chou na forma tradicional,
pelo consenso unânime
do Alto Comando, após
demoradas conversações.
O comitê absoluto da
situação pelo Exército
expõe ao mesmo tempo
o lógro das esquerdas e a
inexistência de um plano
subversivo de âmbito
nacional. Do contrário,
não se explicaria o caráter
quase automático do
movimento que estareceu,
na rapidez, a opinião
pública internacional.
Planejado e executado
por militares o movimento
teve sem dúvida a
colaboração de alguns
civis, notoriamente
associados ao antigo
regime, vinculados aos
interesses da alta
burguesia nacional,
apanhados e enquadrados
às pressas para uma
toalète revolucionária
que lhes assentava mal.
O governador da
Guanabara que encarnava
a oposição ao governo
Goulart, êsse ficou à
margem do movimento,
chegando a tomar como
inimigos os tanques
revolucionários que
correram a protegê-lo.
Baldados foram seus
esforços para arrebatá-
lo da liderança do
movimento vitorioso
cujos chefes apenas
o toleraram.
4 O movimento começou
a perder terreno quando
pretendeu transformar-se
em revolução. E logo
depois, quando com
medo de si mesmo, virou
legalidade, com presidentes
e vice-elitos, Congresso

o tempo de desejo de
cal pelo "soto voce" do
cafézinho e da conversa
ao pé do ouvido.
mantendo-se em Brasília,
reverenciava o mito
Kubitschek e continuava
onerando duplamente
o país com uma capital
de luxo. O aumento do
funcionalismo militar,
na primeira hora, calou
mal na opinião. O
movimento, sem idéias
ou programas, sacrificava
ao imediatismo a
autoridade moral que
lhe permitia exigir do
povo os pesados sacrifícios
de recuperação nacional.
Não há revolução sem
certo grau de ascese,
audácia de imaginação
e intratável idealismo.
Os partidos conservadores,
beneficiados grandemente
pelos expurgos, começaram
a fazer sentir sua
presença, pesando nas
decisões do governo. E,
ao mesmo tempo, multiplicavam-
se pronúncias de chefes
militares, em banquetes,
almoços, churras-cadas,
homenagens, num puxa-
saquismo pouco revolucionário
que, além do mais, tumultua
a política do país. Entre
mar e rochedo o Presidente
navega, deve-se reconhecer-
lo, com certa habilidade.
Mas será a habilidade um
traço revolucionário? Sem
programa nítido, o governo
não arrasta a opinião,
nem entusiasma, nem
convence o povo. As
"reformas", confiadas
a um eminente prelatado
ditador, e o indem-

qualificação da mão-de-
obra por processos modernos
de difusão de técnicos e
aptidões na massa operária,
uma prioridade de
financiamentos que obedeça
às necessidades e não a
privilégios, o incentivo à
imigração qualificada —
são tarefas que exigem
intervensões decididas
do Estado. Essa mobilização
das massas urbanas e
rurais marginalizadas,
em programas de pleno
emprego, só se fará
em ritmo compatível com
o crescimento demográfico,
através de medidas
audazes de acesso à
propriedade agrária e
industrial, único estímulo
capaz de galvanizar o
país. Tal programa,
todavia, não pode resultar
de uma política de
enquadramento das
massas, mas através de
uma liderança democrática
que as associe a êsse
esforço de reconstrução
nacional e lhes dê a
consciência de algo mais
que um bloco passivo.
Não basta trabalhar
para o povo, é preciso
trabalhar com o povo.
Não se compreende
hoje um planejamento
vertical sem a participação
dos trabalhadores, de
seus órgãos de expressão.
O arranco brasileiro não
comporta êsse grau de
racionalização, de
tecnicismo, nem isso se
concilia com o temperamento
brasileiro, com a sua
imaginação, sua capacidade
de lirismo, sua inventividade,
a

03.5.12-417